



Qual o lugar da  
**CULTURA**  
em dias de  
**PANDEMIA?**



**Usina  
dos Atos**



Qual o lugar da cultura, se não no meio das pessoas? Ali, em uma galeria a céu aberto, numa exposição pequena no shopping, no dia gratuito dos museus de São Paulo, na Paulista de domingo, street art, street dance, cinema baratinho

no centro, o SESC, a USP, um sarau, slam, música no metrô... O que é cultura, se não está mais ali, aonde eu tenho acesso?

Já faz alguns dias que estamos (a maioria dos moradores da cidade) passando por momentos difíceis por conta da pandemia do COVID-19, e essa proposta “quarentena” seria muito mais dura se não fossem as tantas opções de arte e cultura que estão sendo ofertadas das mais variadas formas de acesso remoto. Basta ter um perfil em qualquer rede social para ver, rever e interagir; esses já velhos conhecidos nossos, como a internet, a televisão e o streaming, ganham nova importância em dias tão atípicos.

Ali, entre os anúncios e incontáveis transmissões ao vivo, é notável a presença ativa de museus, institutos, escolas, bibliotecas – espaços físicos – construindo, reconstruindo ou ressignificando seus papéis on-line; conteúdos criativos elaborados por profissionais empenhados, deixando a internet mais interessante para a gente que está em casa. Mas também para quem mora longe, ou para aqueles que nunca têm tempo, ou ainda, para quem nunca se interessou pelo assunto. Seria então a pandemia também um momento de ampliação de acesso, de maior democratização da arte e cultura?



Como apontou no Twitter o sociólogo Ben Carrington, o conceito de “isolamento social” não poderia estar mais equivocado. O que temos vivido é na verdade um “isolamento físico”, e segundo a jornalista Eliane Brum, “fazia muito tempo que as pessoas, no mundo inteiro, não socializavam tanto”. Podemos

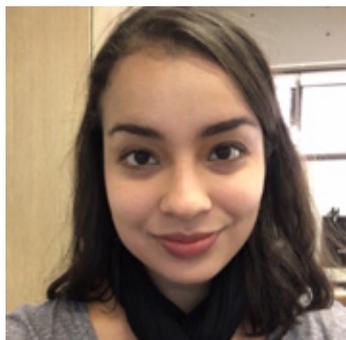
dizer o mesmo das instituições, institutos, coletivos, museus, e todos esses lugares que estão buscando de maneira positiva contato com outros públicos, e adaptando sua forma de existir. Quem sabe não surja daí um questionamento de seus serviços, por vezes tão elitizados e inacessíveis?

Sabemos que nenhum homem pode banhar-se duas vezes no mesmo rio...pois na segunda vez o rio já não é mais o mesmo, e nem o homem. Quem disse isso foi o filósofo Heráclito, que inspirou o conceito da palavra “Devir”: vinda do latim, quer dizer “Vir a ser”; “tornar-se”, “transformar-se”; significa a “passagem”, seja por geração, por destruição, por alteração, pelo aumento ou pelo movimento.

Na contramão da adversidade, e apesar de toda a situação, estamos presenciando um momento enérgico das artes e da cultura, e pode ser que esse seja um estímulo favorável em direção a uma nova dinâmica social. Acredito que, mais do que nunca – ou pelo menos mais do que nos últimos cem anos – vivemos tempos de “passagem”, e que nos cabe trabalhar juntos atitudes restauradoras nesse sentido, transformando crise em aprendizado.



# Usina dos Atos



Lara Dias  
(autora do artigo)

É formada em história pela PUC de São Paulo, atuou como estagiária de pesquisa em história pelo Sesc de São Paulo, em acervos pessoais, e como educadora em ciências humanas na rede privada. Atualmente compõe a equipe de Comunicação do Instituto Usina dos Atos e está escrevendo seu projeto de mestrado sobre educação e juventude.